



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA**



LIDIANE DE CERQUEIRA MACHADO

**DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PANORAMA DAS
PESQUISAS NO BRASIL ENTRE 2015 E 2020**

**MAMANGUAPE/PB
2020**

LIDIANE DE CERQUEIRA MACHADO

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PANORAMA DAS PESQUISAS NO BRASIL ENTRE 2015 E 2020

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profª Drª Márcia Maria de Medeiros Travassos Saeger – UFPB
Orientadora/presidente



Profª Drª Sandra Araújo Dias – UFPB
Membro da banca examinadora



Prof. Dr. Thales Batista de Lima – UFPB
Membro da banca examinadora

MAMANGUAPE/PB

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
LÍNGUA INGLESA



DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PANORAMA DAS PESQUISAS NO BRASIL ENTRE 2015 E 2020

Lidiane de Cerqueira Machado – UFPB – lidianecolly46@hotmail.com
Prof^ª Dr^ª Márcia Travassos Saeger (Orientadora) – UFPB – marciatsaeger@yahoo.com.br
Prof^ª Dr^ª Sandra Araújo Dias (Membro da banca) – UFPB – mildsandra@gmail.com
Prof. Dr. Thales Batista de Lima (Membro da banca) – UFPB – thalesufpb@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar os desafios enfrentados na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, apresentados em pesquisas publicadas entre os anos de 2015 e 2020. A pesquisa foi realizada por meio de uma Revisão Sistemática da Literatura, a partir da análise de artigos publicados em periódicos nacionais, entre os anos de 2015 e 2020, avaliados por pares, com classificação mínima no Qualis Capes B5 e que discorressem sobre os desafios enfrentados na EJA. Os artigos abordaram como temáticas a formação docente para a EJA, o PROEJA, a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação nesta modalidade de ensino, as práticas pedagógicas para o ensino na EJA, evasão escolar e a análise de programas de educação de jovens e adultos. Os resultados revelaram que o desafio mais recorrente na EJA no Brasil é a ausência de uma formação docente adequada a esta modalidade, o que traz implicações nas práticas pedagógicas e na execução de programas de educação de jovens e adultos.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Pesquisas científicas. Desafios.

ABSTRACT

This article aims to identify the challenges faced in Youth and Adult Education in Brazil, presented in research published between the years 2015 and 2020. The research was carried out through a Systematic Literature Review, based on the analysis of published articles in national journals, between the years 2015 and 2020, evaluated by peers, with minimum classification in Qualis Capes B5 and that discussed the challenges faced in YAE. The articles addressed as themes the teacher training for YAE, PROEJA, the use of Information and Communication Technologies in this teaching modality, the pedagogical practices for teaching in EJA, school dropout and the analysis of education programs for youth and adults. The results revealed that the most recurrent challenge in YAE in Brazil is the absence of teacher training appropriate to this modality, which has implications for pedagogical practices and in the execution of education programs for young people and adults.

Keywords: Youth and adult education. Scientific research. Challenges.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem suas raízes, no Brasil, no período colonial, quando os jesuítas buscavam alfabetizar adultos indígenas. Com o passar dos anos, diversos programas de governo para a educação de adultos foram criados, sobretudo a partir da década de 1930, com o surgimento do Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelecia como dever do Estado a responsabilidade do ensino primário integral, obrigatório e gratuito extensivo para todos os adultos (FRIEDRICH ET AL., 2010).

Nos dias atuais, os programas da EJA são voltados também para a profissionalização dos alunos, dando-lhes a oportunidade de alfabetização e capacitação para o mercado de trabalho (ALKIMIN, 2015). É necessário ressaltar que os alunos que aderem a esta modalidade de ensino, geralmente, não tiveram a oportunidade de aprendizado no tempo regular, seja por dificuldades socioeconômicas, pelo pouco tempo para se dedicarem ao estudo ou pela necessidade de trabalhar, afastando-se da escola. Ao retornarem aos estudos, em idade mais avançada, deparam-se com a diferença etária entre os alunos da turma, com contextos socioculturais distintos, com o cansaço após um dia de trabalho, o que acaba equacionando dificuldades em estabelecerem boas relações entre os colegas e impedindo o desenvolvimento do aprendizado (LIRA; SILVA; SANTIAGO, 2015).

Esse contexto que caracteriza os alunos da EJA representa um desafio aos profissionais que atuam nesta modalidade, pois eles necessitam lidar com todas essas diferenças e contribuir para a aprendizagem deste público. A partir desta ótica, um outro desafio é percebido no âmbito da EJA: a preparação destes profissionais, de modo que sejam capacitados não apenas quanto aos conteúdos necessários para o ensino, mas também, que desenvolvam as habilidades necessárias para trabalhar com um público tão heterogêneo (IRELAND; MACHADO; IRELAND, 2005). Nesse aspecto, Carvalho (2014) ressalta a importância de uma formação que capacite o docente para atuar na EJA, o que nem sempre é percebido nos cursos superiores.

Some-se a isso o fato de que as escolas onde funcionam os cursos da EJA nem sempre disponibilizam todos os recursos – tecnológicos, humanos e materiais – necessários ao ensino-aprendizagem, apresentando ao seu público uma infraestrutura física e tecnológica, além de materiais didáticos inapropriados em relação ao que seria ideal (LIRA; SILVA; SANTIAGO, 2015).

Diante do exposto, é possível perceber que a Educação de Jovens e Adultos no Brasil é marcada por diferentes desafios, desde o seu surgimento, seja pela heterogeneidade de seu público, pela necessidade de uma formação docente adequada para atuar nesta modalidade ou

mesmo pela ausência de uma estrutura adequada para o trabalho destes profissionais nas escolas, diante das modernas tecnologias e metodologias de ensino utilizadas na educação.

Nesse contexto, esta pesquisa se insere nesse conjunto de discussões, buscando identificar, a partir de uma revisão sistemática da literatura, respostas ao seguinte questionamento: **quais os desafios enfrentados atualmente na Educação de Jovens e Adultos no Brasil?** Para tanto, tem como objetivo identificar os desafios enfrentados na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, apresentados em pesquisas publicadas entre os anos de 2015 e 2020.

O interesse pela temática se deu a partir do estudo no componente curricular Didática, no curso de Letras Língua Inglesa a distância, desejando-se um maior conhecimento acerca desta modalidade de ensino. Justifica-se a sua realização a partir das contribuições que poderão ser oferecidas às discussões e reflexões sobre os desafios da EJA no Brasil, com base em um panorama atual retratado nas pesquisas.

Quanto à sua estrutura, esta pesquisa apresenta, além das considerações iniciais nesta primeira seção, outras quatro seções, sendo: a segunda seção composta pelo referencial teórico, onde foi apresentado um histórico da EJA no Brasil e seu contexto atual; a descrição dos aspectos metodológicos da pesquisa apresentada na terceira seção; os resultados das pesquisas analisadas, apresentados na quarta seção; na quinta e última seção, são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: HISTÓRICO E CONTEXTO ATUAL

Para falar da aprendizagem do discente inserido na Educação de Jovens e Adultos, compreende-se que é necessário contextualizar historicamente o processo e a experiência educativa no Brasil.

Segundo Strelhow (2010) e Alkimin (2015), durante o período da Colonização, a educação permaneceu sob a responsabilidade dos jesuítas, que chegaram ao Brasil com a Companhia Missionária de Jesus, e tinham como principal objetivo a transmissão de conhecimentos científicos, escolares, mas também, a propagação da fé cristã. A Companhia Missionária de Jesus foi fundada por Inácio de Loyola, em 1534, e os jesuítas se dedicavam à educação dos índios, escravos, colonos e filhos dos senhores de engenhos.

Porém, durante o século XVII, os jesuítas foram expulsos do Brasil por Alexandre da Silva Gomes, o Marquês de Pombal, Primeiro-ministro de Portugal, devido à sua oposição aos

novos métodos de ensino impostos pelo Marquês. Nesse aspecto, Pilleti (1996, p. 137) aponta que o Marquês de Pombal “entrou em conflito com os jesuítas, atribuindo-lhes intenções de opor-se ao controle do governo português”.

Todo esse processo gerou perdas para a educação, pois, sob a responsabilidade do Império, o Marquês de Pombal tentou suprir a educação com aulas régias, mas não obteve êxito. A esse respeito, Romanelli (2003, p. 37) afirma que “inúmeras foram as dificuldades daí decorrentes para o sistema educacional. Da expulsão até as primeiras providências para a substituição dos educadores e dos sistemas dos jesuítas, transcorreu um lapso de 13 anos. Com a expulsão, desmantelou-se toda a estrutura administrativa de ensino”. Freire (1993, p. 46, destaque da autora) descreve:

Esta reforma de Pombal, que desestruturou a organização jesuítica, trouxe alguns benefícios no campo educacional para Portugal, mas para o Brasil redundou em retrocesso. Ficamos treze anos sem escolas e os cursos seriados dos jesuítas foram substituídos pelas “aulas avulsas” dadas, na maioria das vezes, por professores improvisados, e não pelos professores preparados, os quais, embora nomeados pela Coroa, não encontravam clima para seu trabalho.

Outra problemática apontada por Strelhow (2010) com essas mudanças é o perfil elitista que a educação no Brasil adotou, uma vez que o acesso às aulas era para as classes dominantes. Com o Ato Constitucional de 1834, as províncias tinham a responsabilidade de oferecer instrução primária e secundária a todas as pessoas. Nesse contexto, “a educação de jovens e adultos era carregada de um princípio missionário e caridoso. O letramento destas pessoas era um ato de caridade das pessoas letradas às pessoas perigosas e degeneradas” (STRELHOW, 2010, p. 51).

Somente a partir da década de 1930 que a Educação de Jovens e Adultos começou a se destacar no cenário educacional do Brasil, pois, em 1934, o governo criou o Plano Nacional de Educação, que estabeleceu como dever do Estado o ensino primário integral, gratuito, de frequência extensiva e obrigatória para adultos, sendo este um direito constitucional. Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p. 59) apontam que nos anos 1940 e 1950, diversas iniciativas locais, estaduais e nacionais para a Educação de Jovens e Adultos foram promovidas no Brasil, a exemplo da “criação do Fundo Nacional de Ensino Primário em 1942, do Serviço de Educação de Adultos e da Campanha de Educação de Adultos, ambos em 1947, da Campanha de Educação Rural iniciada em 1952 e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo em 1958”.

Os citados autores apontam ainda o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, organizado em 1964 pelo Ministério da Educação, programa esse que incorporou as orientações de Paulo Freire. O pensamento de Paulo Freire considera a educação como instrumento de mudança social, visando sempre a liberdade, a transformação da realidade, que possa permitir aos indivíduos uma ampla visão crítica da realidade.

Já no ano de 1967, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), movimento de âmbito nacional com o intuito de alfabetizar adultos analfabetos em todo o país (STRELHOW, 2010). O MOBRAL tinha o planejamento, a execução e supervisão das atividades bastante centralizadas, mas com pouca articulação com o ensino básico. A respeito desse programa, Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p. 61) destacam:

Ao longo dos anos 70, o Mobral diversificou sua atuação visando a sua sobrevivência e, mais para o final do período, a responder às críticas em relação à falácia dos números que apresentava como resultado ou à insuficiência do domínio rudimentar da escrita que era capaz de promover. Um dos desdobramentos mais importantes nessa linha de diversificação foi a criação de um programa que correspondia a uma condensação do antigo curso primário, assentando as bases para a reorganização de iniciativas mais sistêmicas que viabilizassem a continuidade da alfabetização em programas de educação básica para jovens e adultos.

A problemática da alfabetização funcional promovida pelo MOBRAL é apontada por Strelhow (2010), pois o foco era centrado apenas no desenvolvimento da habilidade de ler e escrever, sem que houvesse uma preocupação com a compreensão dos significados e contextos. O programa foi extinto em 1985, diante dos descréditos nos meios político e educacional.

Em 1996 foi regulamentada a Lei nº 9.394/1996, ou Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), reafirmando o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico e gratuito (BRASIL, 1996). A LDB foi criada num cenário em que, segundo Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p. 65-66), 15,3 milhões de brasileiros com 15 anos ou mais, o que corresponde a 14,2% da população do país em 1996, “não completaram sequer um ano de escolaridade, 19,4 milhões (18,2%) têm apenas de um a três anos de instrução e outros 36 milhões (33,8%) completaram de quatro a sete anos”. Esta lei é considerada um significativo avanço para a EJA, por tê-la incluído como uma modalidade da educação básica, superando a dimensão do ensino supletivo que lhe era conferida em muitos dos programas anteriores (LIRA; SILVA; SANTIAGO, 2015).

Ainda no âmbito dos programas governamentais, no ano de 2003 foi criada pelo Governo Federal a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, lançando assim o Programa Brasil Alfabetizado. Sobre este programa, Strelhow (2010, p. 56) aponta que

no início tinha característica de mais uma campanha, com ênfase no trabalho voluntário, prevendo erradicar o analfabetismo em 4 anos, tendo uma atuação sobre 20 milhões de pessoas. No entanto, em 2004, com a mudança do Ministro da Educação, o programa foi reformulado, retirando-se a meta de erradicar o analfabetismo em 4 anos e a duração dos projetos de alfabetização foi ampliada de 4 meses para 8 meses.

No ano de 2005, foi criado o Programa de Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), instituído pelo governo federal nos antigos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), objetivando a expansão da educação profissional. Franzoi e Fischer (2020, p. 520) consideram que “o PROEJA é, atualmente, uma das experiências de Educação de Jovens e Adultos que expressa, com muita riqueza, um momento recente de aproximação dos campos Trabalho-Educação e EJA”. As autoras ressaltam, contudo, que apesar dos grandes investimentos realizados pelo governo federal para a implantação desse programa, foram tecidas diversas críticas, pois a concepção do PROEJA não contou com aqueles sujeitos que seriam responsáveis pela sua execução.

O PROEJA sinaliza uma nova perspectiva da Educação de Jovens e Adultos, ao incluir a preparação para o trabalho, o que, segundo Alkimin (2015), se constitui em um grande desafio para a EJA, mas também algo necessário, diante da necessidade de inserção no mercado de trabalho.

2.1 CENÁRIO ATUAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Para fundamentar a discussão sobre o cenário atual da EJA no Brasil, recorreu-se aos números apresentados na oitava edição do Anuário Brasileiro de Educação Básica (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2019), documento lançado desde 2012, com o objetivo de apresentar dados e informações sobre a educação básica no Brasil e, a partir destes resultados, contribuir com os debates sobre a temática.

Conforme consta no citado documento, “o Anuário adota como eixo estrutural o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, com suas 20 metas, que abrangem as várias etapas e modalidades de ensino, assim como a valorização dos professores, a gestão democrática e o

financiamento do ensino público” (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2019, p. 4). No caso da EJA, a meta do PNE pretendida é “oferecer, no mínimo, 25% das matrículas de Educação de Jovens e Adultos na forma integrada à educação profissional, nos ensinos fundamental e médio” (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2019, p. 86).

Segundo os dados apresentados no Anuário Brasileiro de Educação Básica (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2019), o Brasil possui cerca de 47.900 alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos integrada à educação profissional. Destes, cerca de 5.700 são matriculados no nível fundamental e 42.200 no nível médio. Contudo, esse número de alunos representa apenas 3,2% em relação ao total de matrículas na EJA, independentemente da integração ou não à educação profissional. Esse percentual é significativamente inferior ao que é pretendido na meta do PNE, cuja oferta mínima de matrículas da EJA integrada à educação profissional é de 25%. Os dados referentes às matrículas na EJA no ano de 2018 por região do Brasil são apresentados na tabela 1.

Tabela 1 – Matrículas na EJA no Brasil em 2018

	Total EJA	Nível Fundamental			Nível Médio		
		Total	Integrado à Educação Profissional	% matrículas integradas à Educação Profissional	Total	Integrado à Educação profissional	% matrículas integradas à Educação Profissional
Brasil	3.545.988	2.108.155	5.695	0,3	1.437.833	42.175	2,9
Norte	392.908	260.899	668	0,3	132.009	2.771	2,1
Nordeste	1.419.273	1.014.763	3.914	0,4	404.510	32.040	7,9
Sudeste	1.073.221	485.953	711	0,1	587.268	2.998	0,5
Sul	409.059	225.522	281	0,1	183.537	1.899	1,0
Centro-Oeste	251.527	121.018	121	0,1	130.509	2.467	1,9

Fonte: Todos pela educação (2019, p. 87).

Além disso, quando observadas as matrículas do ensino fundamental integrado à educação profissionalizante em outros anos, observou-se que, no ano de 2018, houve queda nesse percentual, sendo, inclusive, o menor patamar atingido desde o ano de 2009. A tabela 2 apresenta os resultados das matrículas na EJA por modalidade de ensino entre os anos de 2008 e 2018.

Tabela 2 – Matrículas na EJA por etapa de ensino Brasil entre 2008 e 2018

Matrículas na Educação de Jovens e Adultos por etapa de ensino									
Ano	Total geral	Ensino Fundamental					Ensino Médio		
		Total	Anos Iniciais	Anos Finais	Integrado à Educação Profissional	Projovem (Urbano)	Total	Médio	Integrado à Educação Profissional
2008	4.945.424	3.295.240	1.127.077	2.164.187	3.976	0	1.650.184	1.635.245	14.939
2009	4.661.332	3.094.524	1.035.610	2.055.286	3.628	0	1.566.808	1.547.275	19.533
2010	4.287.234	2.860.230	923.197	1.922.907	14.126	0	1.427.004	1.388.852	38.152
2011	4.046.169	2.681.776	935.084	1.722.697	23.995	0	1.364.393	1.322.422	41.971
2012	3.906.877	2.561.013	870.181	1.618.587	18.622	53.623	1.345.864	1.309.871	35.993
2013	3.772.670	2.447.792	832.754	1.551.438	20.194	43.406	1.324.878	1.283.609	41.269
2014	3.592.908	2.284.122	774.352	1.451.627	9.153	48.990	1.308.786	1.265.911	42.875
2015	3.491.869	2.182.611	736.763	1.378.454	16.821	50.573	1.309.258	1.270.198	39.060
2016	3.482.174	2.105.535	676.526	1.367.097	17.613	44.299	1.376.639	1.342.137	34.502
2017	3.598.716	2.172.904	778.272	1.382.896	10.469	1.267	1.425.812	1.383.046	42.766
2018	3.545.988	2.108.155	775.493	1.326.967	5.101	594	1.437.833	1.395.658	42.175
Δ % 2017/2018	-1,47%	-2,98%	-0,36%	-4,04%	-51,28%	-53,12%	0,84%	0,91%	-1,38%

Fonte: Todos pela educação (2019, p. 87).

Os dados apresentados na tabela revelam que houve crescimento na variação de matrículas entre os anos de 2017 e 2018 apenas na modalidade tradicional da EJA no ensino médio. Já na modalidade integrada à educação profissional no ensino médio e em todas as modalidades do ensino fundamental, houve queda no número de matrículas.

Manzano (2019) aponta ainda que entre os anos de 2018 e 2019 houve nova queda no número de matrículas na EJA, em percentual de aproximadamente 9,6%. Acrescente-se a esse dado a tendência de piora nesses números, diante da não aprovação de políticas públicas ou novos programas voltados para essa modalidade no ano de 2019 (MANZANO, 2019).

Diante do exposto, é possível perceber que, desde o seu surgimento no Brasil até a atualidade, a Educação de Jovens e Adultos enfrenta um cenário desafiador, seja pela concepção inadequada dos diferentes programas governamentais voltados para esta modalidade, ou pelas dificuldades que o público da EJA enfrenta para ter acesso à educação.

Considerando que as discussões na atualidade sobre a educação estão relacionadas ao uso de tecnologias da informação e comunicação para o ensino e aprendizagem, com possibilidades de integração destas tecnologias nunca antes alcançadas desde os primeiros anos escolares, o debate sobre a Educação de Jovens e Adultos e todos os obstáculos que ela enfrenta se torna cada vez mais urgente, de modo que o planejamento de políticas públicas voltadas para a EJA considere a especificidade de seu público e os reais desafios que eles vivenciam.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é classificada, quanto aos seus objetivos, como exploratória, realizada por meio de um estudo do tipo Revisão Sistemática de Literatura (RSL), cujo método para determinação dos filtros foi embasado na pesquisa de Laisa et al. (2018).

A pesquisa exploratória, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51-52), “tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa”. Por possuir um planejamento flexível, a pesquisa exploratória permite que um tema seja estudado sob diferentes aspectos (PRODANOV; FREITAS, 2013). Já a Revisão Sistemática de Literatura permite a identificação de um panorama das pesquisas sobre um dado tema, a partir de um protocolo previamente planejado (LAISA ET AL., 2018).

Assim, os filtros utilizados foram derivados da questão de pesquisa apresentada, a saber: quais os desafios enfrentados atualmente na Educação de Jovens e Adultos no Brasil? Nesse sentido, a busca realizada no repositório digital Portal de Periódicos Capes se deu, em um primeiro momento, considerando-se os termos “educação de jovens e adultos” e (operador booleano *and*) “desafios”. Contudo, a pesquisa foi refinada a partir dos seguintes critérios de inclusão (CI):

- CI 1: artigos que abordam os desafios enfrentados na educação de jovens e adultos no Brasil;
- CI 2: artigos publicados dentro do intervalo de tempo proposto na pesquisa (2015 a 2020);
- CI 3: artigos publicados em periódicos brasileiros, classificados no Qualis Capes entre A1 e B5;
- CI 4: artigos avaliados por pares;
- CI 5: artigos publicados no idioma português;
- CI 6: artigos com visualização completa e gratuita na internet.

É importante ressaltar que, considerando que a proposta desta pesquisa foi a de identificar os desafios da EJA no Brasil a partir de pesquisas publicadas entre 2015 e 2020, a escolha por periódicos classificados no Qualis Capes e avaliados por pares visa assegurar uma maior qualidade às discussões e resultados apresentados, pois essas pesquisas representam um esforço coletivo de escrita e avaliação após todo o processo de submissão, análise e publicação dos artigos nos periódicos.

Após a realização da pesquisa no Portal de Periódicos Capes, com base nos critérios de inclusão apresentados, foram identificados artigos em duplicidade, além de artigos que mencionavam que a EJA enfrenta desafios no Brasil, mas não se detinham em explorar esses desafios. Com esses resultados, foram traçados os critérios de exclusão (CE):

- CE 1: artigos em duplicidade;
- CE 2: artigos que mencionam desafios da EJA, mas não exploram a temática;
- CE 3: periódicos avaliados com Qualis C ou sem avaliação.

A quantidade de artigos encontrados com base em cada atualização dos filtros da pesquisa é apresentada na tabela 3.

Tabela 3 – Filtros da pesquisa e quantidade de artigos

	Filtros	Artigos
F1	“Educação de jovens e adultos” <i>and</i> “desafios” Período: 2015 a 2020 Idioma: português Campo de busca: assunto	286
F2	“Educação de jovens e adultos” <i>and</i> “desafios” Período: 2015 a 2020 Idioma: português Campo de busca: assunto Tipo de periódicos: somente revisado por pares	61
F3	“Educação de jovens e adultos” <i>and</i> “desafios” Período: 2015 a 2020 Idioma: português Campo de busca para “Educação de jovens e adultos”: título Campo de busca para “desafios”: assunto Tipo de periódicos: somente revisado por pares Classificação do periódico: A1 a B5	12

Fonte: Elaboração própria (2020).

Após aplicados os filtros, foram identificados 12 artigos que atendiam a todos os critérios da pesquisa, sendo este o total de artigos selecionados. Para a análise dos mesmos e extração dos dados, procedeu-se à leitura completa dos artigos, identificando-se, além das temáticas apresentadas e a abordagem dos desafios enfrentados na EJA retratada nas pesquisas, a classificação Qualis Capes dos periódicos analisados, o quantitativo de artigos por periódico e a distribuição de publicações por ano, conforme apresentado nos resultados, a seguir.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dentre os 12 artigos selecionados após a aplicação dos filtros da pesquisa, observou-se uma distribuição de sete periódicos, sendo dois deles com maior número de pesquisas

publicadas. Assim, a Revista Holos teve quatro pesquisas que retrataram os desafios da EJA em meio ao período analisado, sendo as publicações nesta revista nos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018. Já a Revista EJA em Debate teve três artigos sobre a temática investigada nesta pesquisa, sendo um deles no ano de 2018 e os outros dois no ano de 2019.

A tabela 4 apresenta os títulos dos periódicos, as avaliações no Qualis Capes, considerando-se o quadriênio 2013-2016 e o número de artigos encontrados em cada periódico, distribuídos entre frequência absoluta (*n*) e frequência relativa (%).

Tabela 4 – Periódicos identificados e sua classificação

Título do periódico	Qualis Capes	<i>n</i>	%
Educação & Realidade	A1	01	8,3
Revista Holos	B2	04	33,5
Educação Matemática Pesquisa	B1	01	8,3
Revista Educação e Emancipação	B3	01	8,3
Alabastro: Revista Eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo	B4	01	8,3
Revista EJA em Debate	B3	03	25,0
Revista Eletrônica Científica da UERGS	B4	01	8,3

Fonte: Elaboração própria (2020).

Quanto à distribuição dos artigos durante o período pesquisado, de 2015 a 2020, observou-se que a maior quantidade de artigos pesquisados ocorreu nos anos de 2016 e 2019, como pode ser visto na tabela 5. No ano de 2020, foram consideradas as publicações realizadas até o mês de abril.

Tabela 5 – Distribuição dos artigos durante o período pesquisado

	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total
<i>n</i>	02	03	01	02	03	01	12
%	16,7	25,0	8,3	16,7	25,0	8,3	100,0

Fonte: Elaboração própria (2020).

Foram observadas também as temáticas abordadas nos artigos, uma vez que os desafios enfrentados na Educação de Jovens e Adultos no Brasil foram retratados sob diferentes aspectos. Assim, foram identificadas seis temáticas, como apresentado na tabela 6, a seguir.

Tabela 6 – Temáticas abordadas nos artigos

Temas	<i>n</i>	%
Formação docente para a EJA	01	8,3
PROEJA	02	16,7
Utilização das TIC na EJA	01	8,3
Práticas pedagógicas para o ensino na EJA	04	33,3
Análise de programas de EJA	02	16,7
Evasão escolar	02	16,7
Total	12	100,0

Fonte: Elaboração própria (2020).

Freitas e Silva (2016) abordam os desafios da EJA do Campo, destacando a necessidade de mais investimentos na formação dos educadores que atuam nesta modalidade, sobretudo diante das especificidades características da Educação de Jovens e Adultos. Para as autoras, além do público da EJA possuir diferentes necessidades educacionais, o meio em que as atividades são desenvolvidas no contexto da pesquisa – meio rural – possui influência significativa no processo educativo, diante da diversidade de experiências de seus atores (posseiros, trabalhadores rurais, agricultores familiares, assentados). Tais necessidades demandam uma formação apropriada para a atuação na EJA, o que, em grande medida, não é percebido.

Quanto ao Programa de Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), Flores (2017) e Henrique (2018) identificam diferentes desafios no âmbito da execução deste programa. Nesse sentido, Flores (2017) analisa a execução do PROEJA no âmbito do Instituto Federal da Bahia (IFBA), *campus* de Santo Amaro. Dentre os desafios encontrados à execução do programa, a pesquisa aponta a redução do número de vagas e a ausência de informações claras a respeito dos processos seletivos. Com isso, ao invés de funcionar como um programa inclusivo, as ações desenvolvidas no programa pesquisado não contribuem efetivamente para a redução dos índices de exclusão educacional.

Já a pesquisa de Henrique (2018) analisa a reforma do ensino médio, proposta pela Lei nº 13.415/2017, e suas consequências para o PROEJA, identificando que a reforma separa o ensino técnico do ensino médio, o que se põe como um desafio à continuidade do PROEJA e atinge diretamente a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

A utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na EJA foi discutida por Silva, Souza e Carmo (2016), em pesquisa que teve como objetivo compreender como os professores da EJA se posicionavam frente ao desafio da utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação na prática educacional, após a proposta do programa “Nova EJA”, implementada pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

Os maiores desafios identificados pelos professores foram relacionados à ausência de uma infraestrutura disponibilizada pela instituição que fosse capaz de subsidiar a utilização das TIC em seu cotidiano em sala de aula, sendo necessário repensar a EJA nesse contexto em que o uso das tecnologias vem se tornando cada vez mais frequente na educação. Desse modo, o planejamento da EJA deve passar não apenas pela formação e capacitação contínua dos

profissionais, mas também pelo fornecimento de uma infraestrutura condizente com as práticas pedagógicas utilizadas na educação na atualidade.

No que diz respeito à análise de práticas pedagógicas para o ensino na EJA, Teles e Soares (2016) destacam os desafios e possibilidades no processo de alfabetização e letramento na EJA, a partir de uma pesquisa realizada com uma docente dessa modalidade em uma escola pública no município de Parnaíba-PI. O principal desafio identificado foi o treinamento precário para atuação na EJA, o que foi compensado, ao longo do tempo, como iniciativa da própria docente entrevistada.

Xavier e Freitas (2019, p. 238) apresentam pesquisa que tem por objetivo “compreender a influência das práticas pedagógicas matemáticas de professores da EJA para a permanência de estudantes em uma escola da zona rural do Ceará”. A pesquisa aponta que os diferentes níveis de compreensão dos conteúdos e até mesmo a aptidão para saber ler ou não ensejam ações de atendimento individualizado a alguns alunos, gerando, em certa medida, um processo de dependência deles. Isto porque, segundo a pesquisa, as ações de acompanhamento são voltadas para apontar os erros e sugerir as correções, ao invés de identificarem como os alunos chegaram àqueles resultados. Estas práticas, ainda segundo a pesquisa, são reflexos dos cursos de formação destes educadores.

Nessa mesma temática de análise, Paranhos e Carneiro (2019) buscaram identificar os desafios de uma formação que proporcione o desenvolvimento humano do aluno da EJA a partir do ensino de Biologia. Para os autores, um dos maiores desafios ao ensino das ciências para a EJA é identificar que as necessidades do público desta modalidade, que possuem especificidades, e oferecer um ensino que supere o discurso assistencialista. Nesse sentido, “o ensino na Educação de Jovens e Adultos, seja ele de qualquer componente curricular, demanda considerar a relação entre o público da modalidade (essência da especificidade da EJA) e o projeto formativo posto para a escola no seu atual formato organizacional” (PARANHOS; CARNEIRO, 2019, p. 19). A não consideração desses elementos na constituição da EJA representa um desafio a esta modalidade.

Por sua vez, Nery, Pereira e Guerreiro (2020) investigaram quais as mediações pedagógicas possíveis para o efetivo ensino na EJA, constatando que um dos principais desafios dessa modalidade é a formação adequada de professores para ministrar aulas em turmas da Educação de Jovens e Adultos. Com isso, a pesquisa, que foi desenvolvida por meio de um estudo de caso em uma escola estadual de Cruz Alta/RS, identificou o baixo número de professores preparados para atuar em turmas da EJA.

Analisando-se estes quatro artigos que abordaram as práticas docentes na EJA, observou-se que, apesar dos diferentes contextos em que as pesquisas foram realizadas, o principal desafio para a EJA no âmbito dessas práticas está relacionado à formação docente adequada para que estes profissionais possam atuar na Educação de Jovens e Adultos.

Quanto às pesquisas que analisaram programas de educação de jovens e adultos, Azevedo e Tavares (2015) apresentam discussão sobre a EJA e a educação profissional no âmbito de expansão dos Institutos Federais, na região do Mato Grande/RN. Os autores identificaram como desafios à execução dos programas a falta de acompanhamento pedagógico, além de “problemas de infraestrutura física e material, bem como na seleção e no perfil do corpo docente” (AZEVEDO; TAVARES, 2015, p. 116).

Já a pesquisa de Prado et al. (2015) teve como objetivo evidenciar a atual situação do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA-SP), uma ação alfabetizadora que busca proporcionar um processo pedagógico baseado em uma formação emancipadora dos sujeitos, promovendo o exercício da cidadania e a melhoria na qualidade de vida deles. Segundo a pesquisa, o programa se encontra em condições precárias, tendo como desafios à sua execução a falta de investimentos (em materiais pedagógicos, uniformes, merendas) e a própria descontinuidade por parte da gestão municipal.

A última temática identificada nas pesquisas é relacionada à evasão escolar no âmbito da EJA. Nesse sentido, Cunha, Farias e Francisco (2018), em pesquisa cujo objetivo foi compreender como as desigualdades sociais contribuíram para o distanciamento entre a população rural e a escola regular, apontam a evasão escolar como um dos desafios enfrentados pelo público da EJA. Os autores identificaram como causas para o distanciamento da escola as dificuldades vivenciadas pelos alunos, seja em virtude das condições precárias de trabalho, incluindo-se o trabalho infantil, ou devido à dificuldade de acesso às escolas, sobretudo no meio rural.

Já Silva et al. (2019) discutem as causas da evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa apresentou dois fatores que contribuem para a evasão dos alunos da EJA: socioculturais, estando relacionados às relações sociais e econômicas, além da metodologia de ensino utilizada nas aulas, por esta não ser condizente com o perfil dos alunos dessa modalidade.

As dificuldades retratadas nestas duas pesquisas requerem a adoção de políticas de redução das desigualdades sociais e econômicas, ao mesmo tempo em que reforçam a necessidade de um planejamento adequado das aulas da EJA, diante da heterogeneidade que

seu público apresenta, buscando assim, a redução da evasão escolar de um público que já possui o histórico de abandono das aulas na idade considerada regular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar os desafios enfrentados na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, apresentados em pesquisas publicadas entre os anos de 2015 e 2020. Para tanto, foi realizada uma Revisão Sistemática da Literatura, identificando-se seis temáticas de discussão, em que foram apresentados alguns desafios vivenciados no contexto da EJA no Brasil.

Dentre esses desafios, percebeu-se que a formação docente para a preparação dos profissionais que irão atuar na EJA foi mais recorrente, sendo discutida, inclusive, em artigos cuja temática central não tratava especificamente desse assunto, a exemplo de pesquisas que abordaram a questão da evasão escolar e a análise de programas da Educação de Jovens e Adultos.

Além disso, identificou-se que a EJA enfrenta ainda desafios quanto à execução de seus programas e à disponibilização de uma infraestrutura capaz de atender às necessidades de seu público. Estas necessidades, inclusive, parecem receber menor ênfase no planejamento das ações da EJA em alguns programas, o que produz resultados diferentes daqueles esperados quanto à educação inclusiva e emancipadora dos alunos desta modalidade.

Os resultados encontrados a partir das pesquisas analisadas demonstram que a EJA no Brasil, mesmo após todas as modificações em sua concepção, criação de programas e dispositivos legais, ainda enfrenta desafios, sobretudo quanto às práticas existentes nesses programas. Percebe-se a urgente necessidade de ir além do discurso de que esta é uma modalidade de educação inclusiva para sujeitos que, por diferentes motivos, não tiveram oportunidade de acesso a uma educação regular, para construir práticas educativas que realmente incluam esses sujeitos, considerando as suas particularidades.

REFERÊNCIAS

ALCKIMIN, G. D. O panorama das publicações sobre educação ambiental na educação de jovens e adultos nos últimos dez anos (2005-2014). **Holos**, ano 31, v. 8, p. 15-27, 2015.

AZEVEDO, M. A.; TAVARES, M. B. N. Educação de jovens e adultos e educação profissional no Brasil: caminhos e descaminhos no contexto da diversidade. **Holos**, ano 31, v. 4, p. 107-118, 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CARVALHO, G. A. **A educação de jovens e adultos e as dificuldades enfrentadas por professores de uma escola pública de Fortaleza**. In: IV Fórum Internacional de Pedagogia. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2014.

CUNHA, A. C.; FARIAS, P. S.; FRANCISCO, A. F. A vida é um desafio: como a desigualdade social e a evasão escolar caminham juntas no município de Volta Grande. **EJA em debate**, v. 7, n. 12, 2018.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano 21, n. 55, nov., 2001.

FLORES, T. D. M. Avaliação *ex post* da política pública PROEJA no IFBA *campus* Santo Amaro (BA). **Holos**, ano 33, v. 3, p. 75-89, 2017.

FRANZOI, N. L.; FISCHER, M. C. B. O PROEJA e seus sujeitos, profissão e saberes da experiência de trabalho. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 26, jan./abr., 2020.

FREIRE, A. M. A. **Analfabetismo no Brasil**: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas e Filipinas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolinárias e Grácias até as Severinas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREITAS, K. P.; SILVA, L. H. Reflexão e análise da formação de educadores de jovens e adultos do Campo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 555-573, abr./jun. 2016.

FRIEDRICH, M. et al. Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010.

HENRIQUE, A. L. S. O PROEJA e a reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017). **Holos**, ano 34, v. 3, 2018.

IRELAND, T. D.; MACHADO, M. M.; IRELAND, V. E. C. Os desafios da educação de jovens e adultos: vencer as barreiras da exclusão e da inclusão tutelada. In: KRUPPA, S. M. P. **Economia solidária e educação de jovens e adultos**. Brasília: Inep, 2005.

LAISA, J. et al. Uma Revisão Sistemática da Literatura sobre Sistemas de Recomendação Educacional. In: FERNANDES, A. M. R. (Org.). *Computer on the Beach 2018*, Florianópolis, SC. **Anais**. 2018.

LIRA, K. C. G.; SILVA, M. S.; SANTIAGO, O. **A Prática Pedagógica Docente na EJA**. 2015. Disponível em

<https://www.ufpe.br/documents/39399/2405255/LIRA%3B+SILVA%3B+SANTIAGO+-+2015.2.pdf/f2b188c4-92c8-47ab-bff5-713f7010d37c>. Acesso em 14 mai 2020.

MANZANO, F. **Censo Escolar registra queda de 4% em matrículas do ensino médio nas escolas públicas**. 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/30/censo-escolar-registra-queda-de-4percent-em-matriculas-do-ensino-medio-nas-escolas-publicas.ghtml>. Acesso em 21 mai 2020.

NERY, M. C. R.; PEREIRA, J. O.; GUERREIRO, P. Educação de jovens e adultos (EJA): seus impasses e suas contradições. **Rev. Elet. Cient. da UERGS**, v. 6, n. 1, p. 29-41, 2020.

PARANHOS, R. D.; CARNEIRO, M. H. S. Ensino de Biologia para a Educação de Jovens e Adultos: desafios para uma formação que proporcione o desenvolvimento humano. **EJA em debate**, v. 8, n. 14, jul./dez., 2019.

PILETTI, N. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 1996.

PRADO, H. M. et al. A precarização no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos: MOVA na cidade de São Paulo. **Alabastro: revista eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo**, São Paulo, ano 3, v. 2, n. 6, p. 52-59, 2015.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª ed. Universidade Feevale. Novo Hamburgo, RS. 2013.

ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2003.

SILVA, C. B.; SOUZA, C. H. M.; CARMO, G. T. Educação de jovens e adultos e novas tecnologias da informação: uma abordagem educacional. **Holos**, ano 32, v. 2, p. 312-325, 2016.

SILVA, R. C. S. et al. As causas da evasão escolar na EJA: uma concepção histórica. **EJA em debate**, v. 8, n. 13, jan./jun., 2019.

STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR Online**, v. 10, n. 38, p. 49-59, 2010.

TELES, D. A.; SOARES, M. P. S. B. Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades na alfabetização. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 9, n. 1, p. 80-102, jan./jun. 2016.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro da Educação Básica**: 2019. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/302.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2020.

XAVIER, F. J. R.; FREITAS, A. V. Práticas pedagógicas em matemática na EJA e a permanência de estudantes em uma escola da zona rural do Ceará. **Educ. Matem. Pesq.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 238-253, 2019.